

Produtividade, investimento e escolaridade

É notório que os investimentos do país não têm acompanhado as necessidades da economia brasileira nos últimos anos

João Saboia

Valor, 30/11/2023

O baixo nível de produtividade do trabalho é sem dúvida um dos principais pontos negativos da economia brasileira. Ao longo dos anos 80 e 90 do século passado ela variou pouco, subindo em alguns momentos e caindo em outros, voltando ao final de duas décadas praticamente ao ponto de partida. Nos primeiros anos deste século houve um forte crescimento da produtividade, movimento este encerrado no início da década passada. A partir de 2012, a produtividade voltou a apresentar uma certa estagnação que durou até os dias atuais. Apenas em 2020 houve um salto positivo devido à pandemia da covid-19 que provocou a saída em massa de trabalhadores menos qualificados do mercado de trabalho. O gráfico ilustra sua evolução nos últimos 40 anos a partir de dados da produtividade do trabalho por horas efetivamente trabalhadas.

Além da má performance registrada no país, outra questão preocupante é a comparação com os níveis de produtividade de outros países. Ela é muito desfavorável ao Brasil. Segundo o ranking da World Population Review de 2022, o Brasil aparece em 57º lugar numa lista de 62 países, atrás da Argentina, México, Uruguai, Chile, Colômbia, Peru e Equador. Além disso, a produtividade do trabalho dos países desenvolvidos é muito maior que a brasileira - Noruega (7 vezes); Estados Unidos (6,2); França (5,5); Alemanha (5,3).

Por que a posição do Brasil é tão desfavorável comparativamente ao padrão internacional e por que a produtividade tem evoluído de forma tão negativa nos últimos anos? Várias causas podem ser apontadas segundo diferentes autores.

Um dos primeiros pontos mencionados e que teria contribuído para o baixo nível de produtividade do país seria o padrão deficiente da escolaridade da força de trabalho, além da má qualidade do ensino. Se por um lado a escolaridade média tem crescido, por outro ainda há muito a ser feito nessa área, tanto no ensino fundamental, quanto no técnico e no superior.

Produtividade por hora trabalhada

De 1981 a 2022 (em reais de 2020)



Fonte: Observatório da Produtividade Regis Bonelli.

Outra questão sempre apontada é a baixa taxa de investimentos, que vem de longa data e tem se acentuado nos últimos anos por conta dos desequilíbrios da economia do país. Como consequência, há grande deficiência na infraestrutura, levando à utilização de tecnologias e processos produtivos defasados que contribuem para a baixa produtividade e sua estagnação.

Há ainda questões associadas ao ambiente de negócios, a uma estrutura tributária complexa e ao excesso de burocracia, entre outras, que acabam dificultando o processo produtivo e contribuindo para o baixo nível de produtividade e sua evolução desfavorável.

Recentemente, exploramos dois tipos de dados entre os mencionados acima que poderiam estar dificultando a evolução da produtividade na última década - os investimentos e a escolaridade dos trabalhadores - obtidos do IBGE. Os dados de produtividade são do Observatório da Produtividade Regis Bonelli. O período analisado vai do primeiro trimestre de 2012 ao último de 2022, durante o qual a produtividade teve uma performance sofrível.

Para os investimentos foram utilizadas séries de dados da formação bruta do capital fixo em volume. Para a escolaridade foram testadas diversas variáveis - média de anos de estudo, percentual de pessoas com nível fundamental, médio e superior. Em relação à escolaridade houve melhora no período com crescimento da média de anos de estudo dos trabalhadores e aumento do percentual de profissionais com nível médio ou superior completo, ao mesmo tempo em que houve queda daqueles com o nível fundamental. No caso da formação bruta do capital, houve queda até 2016, seguida de recuperação, atingindo em 2022 níveis semelhantes aos de 2012.

Na nossa pesquisa econométrica foram montadas várias regressões, tanto para a produtividade por pessoal ocupado, quanto para a produtividade por horas trabalhadas. Os resultados não surpreenderam. Por um lado, a formação bruta do capital se mostrou fortemente correlacionada com a produtividade obtendo-se coeficientes positivos e estatisticamente significativos. Entre as variáveis associadas ao nível de escolaridade dos trabalhadores houve duas - escolaridade média e percentual de trabalhadores com nível superior - que também apresentaram coeficientes positivos e significativos.

Tais resultados confirmam a importância da escolaridade dos trabalhadores para a produtividade. Mostram também que, apesar do aumento da escolaridade, a produtividade teve uma performance pouco satisfatória no período. Isso levanta a questão da má qualidade do ensino. Atualmente, cerca de metade dos estudantes de nível superior seguem o formato de ensino à distância em cursos de qualidade bastante duvidosa. Os resultados encontrados também chamam a atenção para a importância da atual reforma do ensino médio e da ampliação da educação profissional e tecnológica, conforme defendido por Ana Inoue, no **Valor** de 20/09/2023, e por Ricardo Henriques, em “O Globo” de 06/11/2023.

No caso da formação bruta do capital é notório que os investimentos do país não têm acompanhado as necessidades da economia brasileira nos últimos anos. Seja por causa das dificuldades dos investimentos públicos represados devido aos déficits nas contas governamentais, seja devido ao setor privado que não consegue compensar a queda dos investimentos públicos, seja por conta das elevadas taxas de juros que encarecem os investimentos, o fato é que a formação bruta do capital teve um comportamento desfavorável no período analisado, contribuindo para a má performance da produtividade.

Em resumo, temos um desafio duplo. Por um lado, a necessidade de aumentar a taxa de investimentos, fundamental para o aumento da produtividade e da produção em geral. Por outro, a urgência na ampliação e melhoria do sistema educacional brasileiro. Com o fim do bônus demográfico e o forte envelhecimento da população - o Censo do IBGE deixou isso bem claro -, mais do que nunca é necessário enfrentar esses dois desafios para que a produtividade volte a crescer sem falta de mão de obra qualificada e sem pressões inflacionárias.

João Saboia é professor emérito do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os resultados das regressões mencionadas no artigo podem ser obtidos com o autor pelo e-mail saboia@ie.ufrj.br.